



Tradução e nota à tradução de O muro de lágrimas de Agnon e a dor de dente de Biálik

Nota introdutória

Nancy Rozenchan¹

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil
nrozench@usp.br

Em contraste com a posição política intransigente do escritor S. Y. Agnon, que descartou a conciliação com os árabes, Biálik argumentou que os árabes devem ser respeitados e "ser bons vizinhos do povo da terra". Biálik se distinguiu também por colocar sua obra poética no mesmo grau de importância do trabalho pelo bem comum, ao declarar "quem é o juiz que decidirá e dirá o que é preferível, um bom poema ou uma boa ação?" - em contraste com Agnon, que tendia a se fechar em seu escritório, voltado apenas à escrita de contos enquanto sonhava ganhar algum dia o Prêmio Nobel. Texto no 150º aniversário do nascimento de Biálik e por ocasião da exposição "Nosso amo Biálik – Meu caro Agnon", na Casa de Agnon.

Os 150 anos do nascimento de Chaim Nachman Biálik ensejam uma homenagem àquele que foi considerado o poeta nacional hebraico e, desde a criação do Estado de Israel – o poeta nacional de Israel, aquele cuja poesia representa o espírito do povo, a identidade nacional, crenças e princípios de sua cultura nacional. Biálik nasceu em 9 de janeiro de 1873, em Radi, então governadoria russa da Volínia e hoje Ucrânia, e faleceu em 4 de julho de 1934, em Viena onde se encontrava em tratamento de saúde. Seu primeiro livro de poemas foi publicado em 1901. Em 1924 estabeleceu-se em Tel Aviv.

Bialik ganhou o título de "Poeta Nacional" não apenas por causa de sua extensa obra literária, mas em grande parte devido à sua liderança pública, sendo uma voz para as dificuldades e esperanças do indivíduo e do público e um guia para grandes dilemas que perturbaram os seus contemporâneos no período do renascimento nacional judaico.

Sua contribuição foi decisiva para o renascimento do hebraico a partir de seus níveis adormecidos e para defini-lo como a língua nacional exclusiva; criticou dolorosamente a passividade dos judeus durante distúrbios tanto na Rússia como na Palestina, ao mesmo tempo em que fez um apelo retumbante para que seus contemporâneos se organizassem para autodefesa; dedicou-se intensamente ao trabalho de unir a tradição à modernidade do povo e também demandou que se preservassem e se nutrissem as autênticas propriedades culturais judaicas mantendo simultaneamente a sua singularidade.

O texto que se segue, *O muro de lágrimas de Agnon e a dor de dente de Biálik*, de Shmuel Avneri, diretor da Casa Biálik em Tel Aviv, originalmente publicado em hebraico em 4 de janeiro de 2023, no jornal *Haaretz*, também tema de conferência

¹ Professora Sênior da Universidade de São Paulo.



pronunciada na exposição referente à data na Casa de Agnon, em Jerusalém, passa em revista a atividade de Biálik e seu relacionamento com o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura Shmuel Yossef Agnon.

Somos gratas a Shmuel Avneri pela autorização para traduzir e publicar o seu texto. “Lenda de três e quatro”, de Biálik, mencionado por Avneri, e outros contos foram publicados em português em *A trombeta envergonhada*² (2007), com organização, tradução e notas de Eliana Langer e Nancy Rozenchan e prefácio de Berta Waldman. Poemas de Bialik foram publicados em *Quatro mil anos de poesia*, Ed. Perspectiva, S. Paulo, 1969, organizado por J. Guinsburg e Zulmira Ribeiro Tavares. Várias obras de S. Y. Agnon também foram traduzidas ao português.

O muro de lágrimas de Agnon e a dor de dente de Biálik

Shmuel Avneri³
Casa Biálik | Tel Aviv, Israel
zalzal49@gmail.com

Sobre a primeira imagem que Agnon viu de Biálik ainda antes de se encontrarem, ele conta entusiasmado a Gália Yardeni: "Lembro-me do dia em que vi uma fotografia de Biálik pela primeira vez, ainda na cidadezinha. E você pode imaginar o que isso foi para mim? Com que admiração, com que emoção meus olhos 'devoraram' o retrato do poeta!"⁴ Essa admiração pelo poeta persistiu, de fato, embora também tivesse conhecido diferenças de opinião, o que não impediu essas duas personalidades de colaborarem apesar da grande diferença de caráter, comportamentos e atitudes em relação a uma série de questões.

A respeito de sua primeira relação literária com Biálik, criada em 1909 durante a visita do poeta à Terra de Israel, Agnon escreve em carta a seu patrono Shlomo Zalman Schocken:

Biálik, que a paz esteja com ele, que era editor, era meticuloso com os escritores e mudava as suas palavras como queria, e quando eu dei a ele um conto, sendo eu ainda um adolescente, ele me disse a respeito de uma certa palavra do meu texto: 'Não sou favorável a essa palavra', e sobre um certo conceito, ele comentou: 'Não entendo o seu significado, mas os deixo como você os escreveu'.⁵

Naquela época, Agnon era uma flor literária emergente de 21 anos que ainda não tinha alçado asas, e Biálik já estava no auge de sua grandeza, não apenas como poeta, mas também como editor que controlava a seção literária do periódico mensal *Hashilôach*, que ele conduzia com grande severidade tanto ao aceitar material

² BIALIK, Haim Nahman. *A trombeta envergonhada*. São Paulo: Editora Globo, 2007. · Diretor de *Beit Bialik* (Casa de Bialik) em Tel Aviv. *O muro de lágrimas de Agnon e a dor de dente de Biálik*, foi originalmente publicado em hebraico em 4 de janeiro de 2023 no jornal *Haaretz*.

⁴ YARDENI, 1962, p. 58.

⁵ AGNON; SCHOCKEN, 1991, p. 335.



literário (de Berditchevsky, por exemplo, Biálik publicou apenas um conto e recusou dois), quanto ao prepará-lo para a impressão, fazendo não poucas alterações (inclusive em Brenner, Shofman, Kabak e outros), que mais de uma vez causaram atrito com os autores. Publicar no prestigiado *Hashilôach* sob a direção de Biálik era considerado uma espécie de recebimento de documento de identidade de escritor e, neste contexto, é possível adivinhar o quão feliz o jovem Agnon ficou porque Biálik não apenas aceitou o seu conto "Aliyat Neshamá" (Ascensão da alma) para o periódico, como também não fez nenhuma correção nele, embora ponderasse sobre algumas expressões usadas.

Cerca de um ano antes de apresentar o conto a Biálik, Agnon já havia sido chamuscado por dolorosas alterações editoriais que S. Ben-Zion tinha introduzido em seu conto "Agunot" (Esposas atadas ao casamento), como ele escreve a Brenner:

Confio que você não fará acréscimos às minhas palavras e não adicionará mais lágrimas ao meu poço (conto *Beerá shel Miriyam* – O poço de Miriam), porque lamento muito que nosso mestre S. Ben-Zion se permitiu alguma liberdade em "Agunot" e deu espaço aos invejosos, para, desse modo, privar-me da minha criatividade.⁶

Dez anos após a publicação de *Aliyat neshamá* (Ascensão da alma) em *Hashilôach*, o próprio Agnon reeditou o conto para ser incluído como capítulo final de sua novela *Hanidach* (O rejeitado), publicada no periódico trimestral *Hatekufá*, e, mesmo dessa vez, isso veio acompanhado de um sentimento de ansiedade, como evidenciado pela condição que Agnon impôs a Láchover:

Já concluí o conto *Hanidach*, trabalhei nele por 9 anos [...] Creio que não contém uma única palavra que não tenha vida. Se você puder me garantir que Frishman (o editor) não modificará sequer um ponto, estou disposto a enviá-lo para *Hatekufá*.⁷

Mesmo após a publicação de seus contos, Agnon costumava retomá-los, poli-los e modificá-los, pouco ou muito, esperando que fossem lidos apenas em suas edições novas e revisadas. Escritores que choram por cada letra demonstram um ciúme natural por tudo o que produzem e exigem que o editor publique suas palavras exatamente de acordo com o texto que foi submetido. Nesse grau de perfeccionismo, Agnon é semelhante a Biálik, que, igualmente (ainda com 21 anos), enviou ao seu editor Ravnitsky *Al saf bêit hamidrash* (No limiar da casa de estudos) com uma condição inequívoca:

Estou enviando a você um dos últimos poemas que escrevi no dia 9 de Av deste ano. E estabeleço uma dupla condição, que o imprimam da forma como ele se apresenta, sem qualquer alteração, e conforme o modelo – alternar versos com e sem parágrafo, concluir com dois versos com parágrafos duplos.⁸(

⁶ AGNON, 2002, p. 15.

⁷ AGNON, 2002, p. 101-102.

⁸ BIÁLIK, 1938, p. 63.



No centro de *Aliyat neshamá* e *Hanidach*, há um confronto entre chassídicos e seus oponentes, os *mitnagdim*. Biálik, assim como Agnon, tinha raízes familiares duplas tanto no chassidismo quanto nos seus oponentes, e eles estavam bem familiarizados com ambos os campos, mas, enquanto, no fundo, Biálik era bastante reservado sobre o fenômeno do chassidismo – menosprezou o valor literário de seus escritos, criticou a ignorância dos chassídicos e seus costumes e viu a deificação do rabino como algo cristão – Agnon geralmente tendeu a julgar o chassidismo e sua literatura de uma forma positiva, embora sua atitude em relação a ele também fosse flutuante. Depois disso, Biálik alocou um lugar relativamente limitado ao chassidismo dentro do empreendimento de reunir tesouros culturais judaicos, cujo programa detalhado ele apresentou em uma palestra que proferiu na Segunda Conferência sobre Língua e Cultura Hebraica, em Viena, em agosto de 1913, que foi posteriormente impressa em *Hashilôach* e na sua obra completa sob o título *Hassêfer haivri* (O livro hebraico).

Por outro lado, Biálik elogiou o estilo das histórias chassídicas de Agnon: "Os chassídicos jamais escreveram tão bem quanto ele [...] Se os chassídicos tivessem escrito como deveriam ter escrito [...] eles teriam escrito como Agnon. Seu estilo tem uma perfeição como a de bronze fundido".⁹ Portanto, não deveria ser surpreendente que, neste contexto, Biálik tivesse pedido a Agnon e a Martin Búber para preencherem juntos o espaço que estava destinado aos chassídicos na obra de coletânea que tinha programado. De fato, os dois planejaram publicar, na editora Dvir, liderada por Biálik, o *Sêfer hachassidut* (Livro do chassidismo) em quatro volumes e até deram início à sua elaboração; mas o incêndio da casa de Agnon, em Bad Homburg, em 6 de junho de 1924, que consumiu, entre outras coisas, o primeiro volume do livro que já estava pronto, pôs fim ao plano.

Biálik não valorizou menos o seu projeto de coleção do que a escrita literária, e isso é evidenciado pela dedicação contínua, ao longo dos anos, à coleta dos tesouros da cultura judaica de todas as gerações. Em uma época em que a crise de fé fez com que muitos se desconectassem das fontes literárias do judaísmo, Biálik trabalhou para aproximá-los e reanimá-los fora da dimensão religiosa e para que as adotassem como bens inalienáveis da cultura nacional secular. No programa da coletânea, Biálik incluiu a Bíblia, os livros externos, a *Mishná* (Reiteração da lei) – da qual teve tempo de escrever e publicar a interpretação do tratado *Zraim* (Sementes) –, o Talmud, a Agadá, a poesia litúrgica, a poesia medieval, o *Mishné Torá* de Maimônides, bem como a tradução das obras daqueles que se distanciaram da língua e cultura hebraicas, incluindo Filo de Alexandria, Spinoza, Heinrich Heine e muito mais. Cada uma dessas e outras camadas era destinada a se unir como um elo na cadeia de um único tratado cultural que construiria uma estante hebraica para um judeu e, ao mesmo tempo, uma identidade nacional básica.

Quando Agnon perguntou a Biálik por que ele não escrevia mais obras literárias ao invés de dedicar o seu tempo a atividades culturais, públicas e sociais, o poeta respondeu:

Talvez você esteja certo, talvez eu devesse escrever outro volume de poemas, mas eu lhe digo: enquanto nossos grandes poetas estiverem enterrados, enquanto não cumprirmos nossas

⁹ BIÁLIK, 1935, p. 21.



obrigações para com eles, é uma vergonha para nós mergulhar a caneta na tinta.¹⁰

De fato, junto com o *Sêfer haagadá* (O livro da lenda), que foi uma espécie de destaque principal do empreendimento da coletânea, Biálik e seu colega Y. H. Ravnitsky também publicaram sete volumes da poesia de Shlomô Ibn Gabirol e de Moshê Ibn Ezra.

Em resposta a uma pergunta semelhante que se referiu ao seu silêncio poético, Biálik respondeu: "Quem é o juiz que decidirá e dirá o que é preferível, um bom poema ou uma boa ação?"¹¹ Isso distingue Biálik, dono do calor humano que ajuda cada pessoa do seu povo, desde a mascate no mercado até o reitor da universidade, do colega Agnon, que tendia a fechar-se em seu escritório e tinha como objetivo se dedicar apenas a escrever suas histórias enquanto sonhava ganhar, algum dia, o Prêmio Nobel, como escreveu a Láchover em 1918 (e ele estava com trinta anos): "Afinal, toda a minha vida é feita de oportunidades perdidas. Bem, talvez um dia um Prêmio Nobel me recompense".¹²

Na verdade, além de sua escrita narrativa, Agnon também editou uma série de coletâneas, sendo a principal delas *Yamim noraim* (*Dias temíveis* – um livro de costumes, sermões e lendas para os dias de misericórdia e perdão para *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* e os dias intermediários das duas datas), mas, ao contrário dos livros de coletâneas de Biálik, que pretendiam servir de ponte entre as fontes e os distanciados delas devido à cisão religiosa, Agnon voltou-se para um público-alvo completamente diferente, ansiando para que seu livro se juntasse aos livros de reza e fossem usados "em sinagogas e casas de estudos".¹³ De qualquer forma, enquanto para Biálik o empreendimento de coleção ocupava uma parte significativa de todas as suas diversas atividades, as antologias de Agnon foram deixadas de lado porque ele não estava disposto a permitir que elas roubassem tempo de sua escrita narrativa, como Dan Laor acentua:

O cálculo de lucros e perdas era, portanto, simples: a obra de coleção, com toda a sua importância, era um entrave à obra puramente literária, que Agnon sempre considerou a sua principal vocação. Agora, quando o livro *Yamim noraim* está concluído, chegou a hora de voltar ao principal.¹⁴

Biálik e Agnon diferiam igualmente em posição religiosa, e isso também influenciou a escolha do local de residência. Agnon, que ficou cada vez mais religioso ao retornar da Alemanha para Israel em 1924, ansiava por se estabelecer em Jerusalém, perto dos lugares sagrados e do Muro Ocidental, como ele escreve para sua esposa: "Meu coração é muito atraído por Jerusalém [...] Em Jerusalém choro muito e vou muito aos lugares sagrados, e em nenhum outro lugar existe este sentimento lindo, santo e puro que eleva minha alma".¹⁵ Em contraste, Biálik declara ao amigo Yossef Patái: "Amo Tel Aviv mais do que tudo", e acrescenta: "Se você vier se estabelecer na

¹⁰ BIÁLIK, 1991, p. 64.

¹¹ BIÁLIK, 1938, p. 320.

¹² AGNON, 2002, p. 100.

¹³ AGNON, 1998, p. 8.

¹⁴ LAOR, 1998, p. 288.

¹⁵ AGNON, 1983, p. 36.



Terra de Israel, construa a sua casa em Tel Aviv. Jerusalém é a cidade santa, mas aqui me sinto no meio do meu povo".¹⁶ Foi precisamente na jovem e livre Tel Aviv, que não é restringida por correntes e tradições como Jerusalém, que Biálik viu o lugar ideal do ponto de vista de sua capacidade de influenciar e de participar na moldagem dos estilos de vida e da cultura da comunidade que estava se consolidando.

Sobre o Muro Ocidental, Biálik se expressa da seguinte forma:

Não convém colocar a questão do Muro Ocidental no centro. De tanta lamúria junto ao Muro, lembro-me da famosa maldição judaica 'Que o Santo, Bendito Seja, arranque todos os seus dentes e deixe somente um para que você sinta o gosto de uma dor de dente'. É uma pena que este muro tenha resistido; realmente, tudo o que temos dele é uma dor de dente.¹⁷

Estas palavras foram pronunciadas após os eventos no Muro Ocidental que se seguiram aos tumultos em 1929; Biálik e Agnon também divergiram nesta questão. Apesar de abalado com os distúrbios, Biálik pediu coexistência pacífica entre judeus e árabes na Terra de Israel:

Por enquanto, há na Terra de Israel espaço suficiente para ambos os povos e também no futuro ela será suficiente para ambos. Não queremos repelir os árabes do país. Não dizemos 'expulsá-los para o deserto' como nosso pai Abraão fez com seu filho Ismael. Ao contrário, que vivam na terra e que se integrem nela.¹⁸

Além disso, como presidente da Associação de Escritores Hebreus na Terra de Israel, Biálik publicou em *Moznaim*¹⁹ o manifesto *El hassofrim veanshêi haruach bechol haolam hatarbuti* (Aos escritores e intelectuais de todo o mundo civilizado), que expõe o grito dos massacrados nos distúrbios e a condenação dos assassinos, mas, que, ao mesmo tempo, também frisa a aspiração de respeitar os árabes e "ser bons vizinhos do povo da terra".

Junto com Biálik, o manifesto foi assinado por membros do conselho da Associação de Escritores, inclusive S. Y. Agnon. No entanto, em uma carta datada de 19 de setembro de 1929, Agnon escreve a Láchover: "Li duas ou três linhas da proclamação da Associação de Escritores. Mais eu não consegui ler. Excesso de palavras. Lamento a proclamação e a minha assinatura."²⁰ Agnon publicou sua posição intransigente rejeitando a reconciliação com os árabes em *Moznaim*²¹, em 14 de novembro de 1930 sob o título *Midrash Zuta* (Pequeno *Midrash*), que abrangeu duas parábolas: "A história do lobo que convive com o cordeiro" e "A história dos inocentes cordeiros de um ano" (incluídos no livro: S. Y. Agnon, *Meatsmi el atsmi* (De mim para mim)).²²

¹⁶ PATÁI, 1939.

¹⁷ RABIDOWITZ, 1983, p. 92.

¹⁸ BIALIK, 1935, p. 156.

¹⁹ BIALIK, 13 set. 1929.

²⁰ AGNON, 19 set. 1929, p. 118.

²¹ AGNON, 14 nov. 1930.



A busca contínua de Biálik pelo amor humano e pela paz entre as nações é refletida na segunda versão de *Agadat shloshá vearbaá* (Lenda de três e quatro)²³, que foi impressa no periódico trimestral *Hatekufá* em junho de 1930, do qual são citadas as seguintes frases, à guisa de conclusão:

Nossos ancestrais oprimiram um ao outro e desapareceram. Tanto o seu ódio quanto a sua inveja já desapareceu com eles – deveremos, nós, seus filhos, preservar eternamente o seu passado? [...] A parede de rancor – erguida camada a camada pelos ancestrais e ampliada dia a dia com grande ira para segregar um povo do outro e distanciar uma pessoa da outra – será destruída por seus filhos, sem compaixão e sem esforço, destruída até o seu fundamento, até as suas pedras gastas pelos anos e o seu reboco insípido – o espírito do amor com suas asas as empilhará em um átimo.

Tradução: Nancy Rozenchan^{24*}

Referências

- AGNON, S. Y.. *Meatsmi el atsmi* (De mim para mim). Jerusalém: Schocken, 1976.
- AGNON, S. Y. *Estherlein yakirati*. (Minha querida Estherlein). Tel Aviv: Schocken, 1983.
- AGNON, S.Y.; SCHOCKEN, S.Z. *Chilufêi igrot tar'av – tashyat*. (Troca de correspondências 5676-5679). Tel Aviv: Schocken, 1991.
- AGNON, S. Y. *Yamim noraim* (Dias temíveis). Tel Aviv: Schocken, 1998.
- AGNON, S. Y.. *Missod Chakhamim* (Do segredo dos eruditos). Tel Aviv, Schocken, 2002. (Mencionada edição de 1929).
- BIÁLIK, C. N. *El hassofrim veanshêi haruach bechol haolam hatarbuti* (Aos escritores e intelectuais de todo o mundo civilizado). *Moznáim*, 13 set. 1929.
- BIÁLIK, C. N. *Agadat shloshá vearbaá* (Lenda de três e quatro). In: *Hatekufá*, jun. 1930.
- BIÁLIK, C. N.. *Dvarim shebeal-pe*, 2 (Palavras pronunciadas). Jerusalém: Dvir, 1935.
- BIÁLIK, C. N.. *Igrot Biálik*, 1. (Missivas de Biálik). Jerusalém: Dvir, 1938.
- LAOR, Dan. *Chayei Agnon* (A vida de Agnon). Tel Aviv: Schocken, 1998, p. 288.
- PATÁI, Yossef. *Prakim lebialik shebeal pe* (Capítulos de Bialik oral) In: *Haaretz*. Tel Aviv, 7 jul.1939.
- RABIDOWITZ, Shimon. *Sichotái im Biálik* (Minhas conversas com Biálik). RABID, Benjamin Chai & Yehuda; FRIEDLANDER, Yehuda (eds.). Jerusalém: Dvir, 1983.

²² AGNON, 1976, p. 409-414.

²³ BIÁLIK, 1930.

* Professora Sênior da Universidade de São Paulo.



SHAI AGNON, Biálik. *In: Yediot Gnazim* (Informações dos arquivos). Tel Aviv, Nissan de 5751. *Agudat hassofrim ha'lvrim be Yisrael*, 1991.

YARDENI, G. *Tet zain sichot im sofrim*. (16 conversas com escritores). Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1962.

Recebido em: 23/04/2023.

Aprovado em: 28/04/2023.